

HISTÓRIA CULTURA TURISMO E DESENVOLVIMENTO EM JUAZEIRO – BA

Dante Severo Giudice¹

RESUMO

O presente trabalho analisa história, turismo, cultura e desenvolvimento em Juazeiro, cidade situada no norte da Bahia, às margens do Rio São Francisco, considerada capital cultural da região sanfranciscana. Considera-se, de modo interrelacionado, o campo das representações e do imaginário, e as dinâmicas, conflitos e interações entre os grupos sociais. Verifica-se que determinadas manifestações culturais, de um lado, apresentam-se como elementos ora destacados, ora obliterados, na formação cultural local, e, de outro, constituem-se como meios através dos quais se representa a região. Observa-se que o Samba de Véio do Rodeador, a Procissão dos Penitentes na Semana Santa, a Lenda do Nego D'Água, a produção artesanal das carrancas, sobretudo as de barro de Ana das Carrancas, dentre outras, constitui a identidade cultural da cidade. Entretanto essa diversidade cultural não vem se traduzindo como fonte de desenvolvimento, talvez por falta de divulgação, talvez por falta de incentivo. O certo é que esse desenvolvimento está atrelado ao agronegócio, uma vertente muito vulnerável pelas características que tem. O aproveitamento do turismo cultural é sem dúvida uma alternativa de desenvolvimento consistente.

Palavras-chave: História; Turismo; Cultura; Desenvolvimento; Juazeiro.

HISTORY CULTURE TOURISM AND DEVELOPMENT IN JUAZEIRO – BA

ABSTRACT

This paper evaluate history, culture and the development in the city of Juazeiro, which it is a city located northward of Bahia state, at the Rio Sao Francisco limits, and has been concerned as a cultural capital of the Sao Francisco river place. It is considered in a interrelated way with the field of representations and of the imaginary, dynamics, conflicts an in special the interactions among social groups. It can see that some cultural expressions, by one point of view shows like detachable elements, or sometimes wipe out on a formation of a native culture, and by the other side constitute ways which by itself represents the region as a whole. Everyone can detect that songs as “Samba de Veio do Rodeador”, the sinners of a long train people at the holy week, the legend of “Nego da Água”, the “carrancas” handycraft production, mainly the ones made of mud from “Ana das Carrancas”, among others compose the cultural identity of the Juazeiro city as well. Otherwise those diversity do not has been turn out to come as a source for development, maybe because a lack in announcements, or maybe by a lack of encouragements. The real truth is that such development has been connecting with agribusiness, a kind of business very susceptible by its own characteristics. The advantage of the cultural tourism is by the way an alternative for a coherent development.

Keywords: History; Tourism; Culture; Development; Juazeiro.

JEL: Z23

¹ Professor Adjunto do IFCH/UCSAL; Mestre em Geografia/UFBA; Doutor em Geografia pelo NPGEU/UFES; Pesquisador do Geoplan/UFES; Coordenador do Gepogeo/UCSAL < dasegu@gmail.com >



1 INTRODUÇÃO

A cidade de Juazeiro localiza-se na região norte do estado da Bahia, a aproximadamente 500 km de Salvador. Já teve porto fluvial de grande importância até a construção da barragem de Sobradinho, quando esta veio dificultar a navegação pelo rio São Francisco. Logicamente nos dias atuais, devido ao grande desmatamento das matas ciliares, e problemas com lançamentos das redes de esgoto, o rio vem sofrendo processo de assoreamento, o que fatalmente também afeta a sua navegabilidade.

Devido à proximidade, tem importantes relações socioeconômicas com os estados de Pernambuco e Piauí, dividindo com Petrolina a importância econômica da região do Baixo Médio São Francisco, e formando com esta atualmente, o maior aglomerado urbano do semiárido, polarizando o desenvolvimento de várias outras.

O desenvolvimento alcançado pela cidade se deve a transformação em polo agroindustrial, graças aos investimentos na região, principalmente a irrigação, que a transformou em grande produtor de frutas para exportação.

2 HISTÓRICO

Historicamente a ocupação ocorreu com a expansão dos currais de gado da Casa da Torre, através dos sertões da Bahia e das terras ao norte do São Francisco. Juazeiro, pela sua posição geográfica, teria constituído uma das portas de entrada para o Piauí e Maranhão, sendo, ao mesmo tempo, etapa obrigatória para os que, procedentes daquelas regiões e de outros pontos, procuravam o Recôncavo Baiano. Entretanto, tem-se como certo, que no lugar denominado Juazeiro Velho, à margem direita do São Francisco, ponto de travessia da referida estrada e pouso de viajantes e tropeiros, estabeleceu-se, em 1706, missão de franciscanos que aldearam índios Rodelas existentes na região. No início do século XIX já era grande a importância da localidade, como passagem mais frequente da Bahia para todo o norte do país. No final desse século (1878), quando foi elevada à categoria de cidade, já tinha grande influência comercial que se estendia ao longo do rio, atingindo até os sertões do Maranhão e Minas Gerais. A expansão tem um marco importante, a chegada da ferrovia – Viação Férrea Federal Leste Brasileiro – VFFLB, ligando-a à Capital do Estado. A partir daí, segue um período de franca prosperidade, e este surto de desenvolvimento se deu pelo fluxo de comércio que utilizava o rio e seu porto para

embarque e desembarque de mercadorias e passageiros, pois era o ponto final da navegação, no sentido do litoral. A vizinhança de Petrolina, onde grupo político, ligado as oligarquias pernambucanas, incentivavam investimentos, contribui com o desenvolvimento de Juazeiro, inclusive na negociação com o governo baiano, para o asfaltamento da rodovia ligando-a a capital do estado, na década de 1960, o que beneficiava também aquela cidade. A construção da Usina Hidrelétrica de Sobradinho, cujos canteiros de obras ficavam no município de Juazeiro (década de 1970), e o incentivo a fruticultura irrigada no vale do médio São Francisco, alavancaram o desenvolvimento da cidade que chega ao final do século XX, como um dos polos do agronegócio baiano, atraindo incentivos diversos.

3 POTENCIALIDADES TURÍSTICAS

Mais do que história, o Sub-Médio São Francisco remonta a pré-história. Sítios arqueológicos, inscrições e pinturas rupestres datadas de milhares de anos, peças significantes para o estudo da evolução são testemunhas adormecidas da presença do homem.

Juazeiro e região tem economia predominantemente agropecuária e de serviços vem se destacando pela agricultura irrigada, tornando-se um polo produtor e exportador de frutas. Do vale do São Francisco, brotam hoje frutas diversas: uvas de mesa, mangas, melões, acerolas, pinhas, goiabas, melancias, maracujás, limões, e bananas que abastecem os mercados da Europa, Estados Unidos, Canadá e Japão, produzindo uma riqueza então inédita para a região.

A combinação do clima com as técnicas modernas de irrigação explica o excelente resultado obtido. Juazeiro também produz vinhos famosos, premiados internacionalmente, dispõe atualmente de um parque agroindustrial que caminha a passos largos, com a instalação de fábricas de beneficiamento e de derivados. É ainda produtora de hortifrutigranjeiros. O sucesso alcançado pela fruticultura é bastante expressivo, chegando inclusive a se constituir em atração turística regional, o chamado agro turismo.

Entretanto o município de Juazeiro não é só um expressivo espaço agrícola, pois apresenta características ímpares e significativo potencial turístico (Figura 2) que engloba além do casario colonial, as tradições e lendas de traços medievais, que guardam a genuinidade das raízes portuguesa, mesclada por adaptações

próprias ao clima local. Na culinária se destacam o surubim, o bode, o carneiro, a carne do sol, doces caseiros e cachaças de alambique.

Nas terras do Velho Chico, como é carinhosamente chamado, o grande rio a tudo preside e a tudo molda, desde os hábitos mais comuns até a vida espiritual do seu povo, com as suas credices e lendas, há muito incorporadas ao fabulário nacional. Essas lendas são – uma das expressões mais representativas da cultura própria dos ribeirinhos, do rio e das suas vazantes, caatingas e brejos – que dão à região um perfil todo especial no conjunto do universo baiano. O São Francisco tem um imaginário que lhe é comum. Cada um dos seus trechos possui suas características peculiares. São as Alimentadoras de Almas, os Penitentes, os Disciplinadores, as manifestações de Reisado, as cantorias, os benzedores formam parte desse Universo de manifestações, rico de significados, aliados às grandes entidades lendárias do São Francisco, como o Aloquê, o Caboclo d'Água, o Nego d'Água, o Minhocão e a Mãe d'Água. O rio está no centro de todas estas crenças.

4 MANIFESTAÇÕES CULTURAIS E DESENVOLVIMENTO

A cidade é rica em manifestações culturais e lendas que poderiam ser mais bem trabalhadas e divulgadas, e serviriam como mais uma vertente de desenvolvimento, através do turismo. Dentre elas destacamos:

4.1 Via-Crucis do Sertão – Os Penitentes

Secular tradição (Figura 1) de entidades históricas do município: a via crucis no sertão, uma manifestação cultural de pelo menos 50 anos, onde na noite de Quaresma se revive o calvário de Jesus Cristo rumo à crucificação, pagando suas penitências e rezando pelas almas de familiares mortos, bem como pedindo a melhoria das condições dos ainda vivos.

Figura 1 – Penitentes



Fonte: o Autor (2012).

A manifestação dos grupos de penitentes de Juazeiro tem origem comum na Europa medieval e na colonização através dos frades franciscanos que desembarcaram no Nordeste nos finais do século XVIII, se compõem de alimentadeiras de almas e disciplinadores, sendo que cada uma das entidades se diferem nas liturgias e moldes de pregação. Até o final da década de 70, os devotos eram obrigados a pedir permissão à polícia e ao prefeito para poderem cobrir os rostos e entoarem seus cânticos pela cidade.

As alimentadeiras de alma congregam homens e mulheres de todas as idades. Em seus rituais, praticados entre a quarta-feira de cinzas e Sexta-Feira Santa, estão presentes os madeiros, enormes cruces de madeira negras, envoltas em véus brancos, e a matracas instrumentos de madeira, usados para marcar os passos da manifestação e os cânticos, denominados de benditos. Vestidos de branco, com os rostos cobertos por lençóis, frequentam cemitérios e igrejas para fazer orações.

Os disciplinadores, entidades extremamente secretas, reúnem apenas homens. Chegar perto dos penitentes durante a realização do trabalho é praticamente impossível. Muitas vezes, nem as próprias famílias dos devotos sabem ao certo que atividades são feitas durante a Quaresma. Além do canto e das preces, os integrantes praticam a autoflagelação. Usam as disciplinas, uma espécie de chicote de couro com uma unha de metal na ponta. Com as disciplinas, os penitentes fazem movimentos ritmados como de relógio abrindo enormes sulcos nas

costas. O sangue, que ensopa as vestes brancas, representa o sofrimento de Jesus Cristo aos pés da cruz. A ação de se cortar com pequenas lâminas de aço está prevista numa espécie de código de honra repassado através das gerações.

4.1.1 Alimentadeiras de Almas

As mulheres, homens e crianças dos cordões iniciam os preparativos por volta das 19h30. Dentro da sala de oração, vestem longas saias e cobrem os rostos com um lençol branco. O toque da matraca anuncia a saída. Em fila indiana, iniciam o percurso. Cruzam as ruas de Juazeiro. Antes da partida, cada um se benze em frente ao madeiro.

Dois quilômetros depois da partida, outro cordão encontra com o grupo. Os dois madeiros se cruzam. Os integrantes dos cordões se benzem em frente à cruz do outro grupo. Durante o percurso, pedestres param o cordão para reverenciar os penitentes. A matraca bate a anuncia a primeira estação. O cruzeiro de Pirangas. É uma enorme cruz de madeira, que fica em frente a uma Igreja. Além dos cânticos, entoam um Pai Nosso e acendem velas. Alguns se isolam para fazer suas preces individuais. Os penitentes reverenciam o altar da igreja e seguem na caminhada.

O ponto culminante do percurso é a chegada ao cemitério. Os lampiões são acesos e o ritual é cumprido em algumas catacumbas previamente escolhidas. São túmulos de companheiros mortos ou de pessoas que devem ter as almas salvas. Dentro do cemitério, os vultos brancos contrastam com a escuridão. Sem beber água ou descansar um só minuto, o grupo se divide para as preces individuais dentro do cemitério. Depois de quase cinco horas de caminhada e de cânticos praticamente sem intervalos, o cordão prepara a volta para o ponto de partida.

4.1.2 Disciplinadores

A manifestação tem como ponto de partida a pedra do Moleque, na Ilha do Rodeador, sob o mais absoluto silêncio. No escuro total, 20 homens vestidos de branco se encontram. Com as costas nuas e os rostos cobertos por um lençol, eles se preparam para uma longa caminhada em direção a um dos cemitérios do local. Chega a cruz negra envolta em véus também brancos. É hora de fazer os últimos ajustes na disciplina, instrumento cortante que serve para a autoflagelação. O grupo

reverencia a Semana das Dores, sete dias antes da semana Santa. O líder puxa a fila indiana, que segue até à igreja, localizada no centro do vilarejo.

Na frente da igreja, os devotos ajoelham-se e iniciam os cânticos. Um outro grupo de disciplinadores chega. Os dois cordões se reverenciam. Cada integrante reza um Pai Nosso de joelho em frente ao madeiro do outro grupo. Entram na igreja, onde passam poucos minutos, e saem para o cemitério. São pelo menos três quilômetros dentro da lama no meio da escuridão. Os únicos pontos de luz são os cigarros acesos. Durante todo o trajeto, as vozes masculinas misturam-se. Na entrada do cemitério, a primeira estação, alguns preparam-se para iniciar os trabalhos da autoflagelação.

Depois de entoarem o bendito "Mãe Dolorosa", acendem velas no pé da cruz, no meio do cemitério. Eles cantam "Jesus, derrama teu sangue...". a matraca toca e começa o ritual. Como pêndulos sincronizados, os penitentes jogam os cordões de couro com a lâmina de aço na ponta contra as costas. O barulho da autoflagelação tem um ritmo preciso e constante. Alguns minutos depois reverenciam o grupo de Alimentadeiras de alma que também entram no cemitério. Por alguns minutos oram juntos. Rapidamente, voltam à igreja no centro do vilarejo.

4.2 Samba de Véio do Rodeadouro

O samba de "véio" (Figura 2) teve origem no fim da escravidão. A palavra samba significa umbigada na língua dos escravos de Luanda, que chegaram ao Brasil; é um samba batido com os pés, em ritmo sincopado com as palmas e o requebro dos dançarinos. Ele nasceu nos quilombos e hoje tem diversos focos pelo país, mas foi no povoado do Rodeador que ele teve suas primeiras manifestações, mas esteve muito tempo praticamente esquecido.

Figura 2 – Samba de Véio do Rodeador



Fonte: o Autor (2010)

Segundo Cruz (2007):

Atualmente o Samba de véio é formado basicamente por um grupo de descendentes de negros de religião católica. Não existe faixa etária, contata-se a presença de jovens, acabando-se com o preconceito de antes existente em relação à idade, com as mesmas formas de instrumentos e batuques dos seus antepassados. A animação é feita com tamboretos produzidos por eles mesmos com o couro de bode, pandeiros e triângulo. A marcação do ritmo é forte, feita através dos sapateados e das palmas. Sua origem africana está intimamente ligada à formação de quilombos.

Desta forma, os negros que ao fugir das senzalas se reuniam em locais distantes, para passar o tempo ocioso, cantavam. Segundo a historiadora Maria Isabel – Bebela (2006), o Samba de “véio” surgiu em 1766 junto com a cidade de Juazeiro, trazido pelos escravos que se instalaram na vila do Rodeador que antes era um quilombo.

Samba de “véio” é feito a base cantos, com voz solo e coro, palmas, pandeiros, triângulos e, como percussão principal e um dos elementos de identidade, tamboretos feitos de couro de bode, que, em dias normais, servem como assento mesmo. Aparentemente, só existe samba de “véio” na região de Juazeiro. Dona Ovídia Isabel de Sena, professora aposentada que agora organiza o samba e faz o solo junto com Laudelindo Adolfo, diz que a expressão samba de “véio” surgiu para nomear um tipo de samba em certa época somente por velhos.

O esforço exercido pelos integrantes do grupo para reestruturação do samba de “véio” na comunidade do Rodeador corre risco de novo desaparecimento. Essa

tradição local, que sempre foi passado de geração em geração, sofre hoje com o pouco interesse dos jovens em aderir a essa cultura.

4.3 A LENDA DO NEGO D'ÁGUA

Esta lenda é uma história comum entre as pessoas ribeirinhas, principalmente na região centro-oeste do Brasil, sendo muito difundida entre os pescadores da região, dos quais muitos dizem já tê-lo visto. Segundo a lenda, o nego d'água costuma aparecer para pescadores e outras pessoas que estão pescando ou navegando em algum rio. Não existem evidências de como surgiu essa lenda, e o que se sabe é que o nego d'água só habita os rios e raramente sai dele, sendo sua maior atividade a de amedrontar as pessoas que por ali passam, seja partindo anzóis de pesca, furando redes, dando sustos em pessoas embarcadas, e coisas desse tipo. Suas características físicas são peculiares: ele seria a fusão de um homem negro e alto com uma criatura anfíbia, e por isso apresenta nadadeiras, sua cor é a do pó, e tem a pele do corpo coberta de escamas.

No São Francisco não é diferente, e o próprio site da Prefeitura de Juazeiro, também se ocupa do assunto. E diz:

O Nego D' Água vive no fundo do rio São Francisco. Dizem que ele é meio homem e meio lontra. Conhecido também como compadre das águas, segundo ribeirinhos, ele arrasta as mulheres bonitas que encontra nas margens do rio e leva para o seu reino. Os homens que não ouvem seus apelos, oferecendo-lhe fumo, ele leva-os para o seu reino como escravos. O Nego D'Água gosta de batuque nas proas das embarcações e tem o poder de naufragá-las.

Esta lenda complementa a das carrancas que será abordada a seguir.

4.4 CONGOS

No calendário católico 7 de outubro é dedicado à celebração de Nossa Senhora do Rosário, festa instituída pelo Papa Pio V em 1571, em homenagem à vitória dos cristãos na batalha naval de Lepanto, na qual os católicos, em meio a recitação do Rosário, resistiram aos ataques dos turcos otomanos e venceram o combate. Em Juazeiro, no entanto, a homenagem festiva e cultural à santa acontece somente no último domingo de outubro com o cortejo do grupo de Congos, que mantém uma tradição quase centenária. José Pereira Filho, popularmente conhecido por seu "Govéi", herdou a missão do avô Cipriano Cardoso em 1973, quando este

faleceu. Há quase quarenta anos à frente dos Congos, promove o cortejo louvando as glórias alcançadas na fé em

Figura 3 – Grupo de Congos



Nossa Senhora do Rosário. De influência africana, os Congos representam uma das mais instigantes manifestações culturais e religiosas de Juazeiro. São formados por homens, mulheres e crianças, iniciam o cortejo com seus cânticos de louvor e de fé, usando roupas nas cores, azul, rosa e branco e ao som do batuque do pandeiro, o povo entra, se junta aos marujos com alegria para agradecer a nossa Senhora do Rosário as graças alcançadas.

4.5 RODA DE SÃO GONÇALO

O ato da Roda de São Gonçalo em si, é uma dança de roda com passos variados, enraizada no catolicismo popular tradicional que atravessa gerações, mostrando um grande regionalismo que continua a ser mantido e preservado com todas as suas tradições. As rodas são realizadas como forma de pagamento de promessas feitas pelos fiéis, que creem no seu poder e na sua santificação.

O tradicionalismo da Dança de São Gonçalo e a sua aceitação como santo, principalmente no interior e/ou em áreas rurais é intenso, mas ultimamente esse ardor popular têm sido esquecido e é muito importante tentar manter viva essa tradição. No Povoado Riacho Tourão, localizado no interior do município de Juazeiro no norte do Estado da Bahia, à beira da BR 235, nas proximidades do Bairro Jardim Primavera, onde moram aproximadamente 100 pessoas, em sua maioria, produtores rurais, pecuaristas e empregados em empresas rurais da região, a Dança de São

Revista de Desenvolvimento Econômico – RDE - Ano XVII - Edição especial - Dezembro de 2015
Salvador, BA – p. 540 – 557.

Gonçalo é realizada com muita frequência. Geralmente, a pessoa faz a promessa quando está em situação complicada, com alguém doente na família, situação financeira ruim etc., e, quando tal dívida é alcançada ela faz o pagamento da promessa. O pagamento da promessa é, literalmente, uma festa e conta com a ajuda da comunidade.

No Povoado Riacho Tourão, a unidade da comunidade sempre faz com que a realização da dança de São Gonçalo seja feita de forma muito organizada sem que sobre carregue uns aos outros, demonstrando um forte espírito de coletividade que é característica dessa região do Vale do São Francisco. É chamado de São Gonçalo de Finado, quando a “roda” é realizada para uma pessoa que faleceu sem cumprir sua promessa. Só poderá ser feita em dia de segunda-feira; o número máximo de pares, com dançadores e guias, não devem ultrapassar a doze; as mulheres são escolhidas pelas suas virtudes e bom comportamento, pois, pode ser considerada indigna em relação à sua participação na “roda” e, então, impedida de participar; os homens vestem-se de roupas sociais de tonalidades claras, não usam chapéus, podendo apenas utilizar lenços, toalhas ou qualquer pedaço de tecido para cobrir a cabeça.

4.6 AS CARRANCAS

Os dicionários de língua portuguesa definem a palavra *carranca*, como sendo figura sombria, de cara feia e disforme, indicativo de mau humor. Segundo os historiadores, as barcas que circulavam pelo rio São Francisco foram as únicas embarcações primitivas de povos ocidentais que usaram figuras de proa ou carrancas. Essas esculturas surgiram na cultura nordestina, mais propriamente no meio da civilização ribeirinha do Médio São Francisco por volta de 1875/1880 e durou até o ano de 1940, quando se encerrou o ciclo das embarcações no Brasil. Essas figuras ocupam lugar de destaque na arte popular nordestina e sanfranciscana, pela expressividade artística e pela originalidade tipicamente brasileira.

Segundo Machado (2009) existem muitas versões históricas sobre o aparecimento das carrancas, na região nordestina. Porém a tese decorrente de estudos antropológicos, que possui maior probabilidade, é a que defende o aspecto lendário das carrancas, que segundo a crença e o misticismo do povo primitivo que

habitava aquela região, as carrancas serviam de amuletos de proteção e salvaguardavam os barqueiros, viajantes e moradores contra as tempestades, perigos e maus presságios.

Serviam também para espantar os animais e os duendes moradores do rio São Francisco_que de noite saiam das profundezas das águas para assombrar barqueiros, tentar mulheres e roubar crianças. Esses seres ao verem as figuras das carrancas nas proas, de olhos esbugalhados, de bocas enormes escancaradas e agressivas, se espantavam e se recolhiam aos seus esconderijos.

A forte tendência à submissão e à crença no poder sobrenatural das carrancas é explicado a partir do primitivismo e ingenuidade dos habitantes, que eram povos extremamente supersticiosos e acreditavam em várias lendas.

A Carranca nasceu do homem do São Francisco, há mais de um século, e é um tipo de arte única no mundo, feita pelos entalhadores atendendo aos sentimentos e fantasias dos barqueiros que precisam espantar o “Minhocão” e o “Negro D`Água”.

Quanto ao aspecto econômico pode-se dizer que o surgimento dessas figuras horripilantes de aspecto grosseiro, talhadas em madeira, tenha sido um dos mais relevantes motivos para a emancipação comercial, política e social da região do Médio São Francisco.

A característica plástica predominante em todas as carrancas corresponde ao fato delas apresentarem fisionomias de animais, cabeças de humanos e vice-versa. E o traço mais marcante dessas figuras são as vastas cabeleiras e os olhos de humanos que elas possuem.

Figura 4 – Carranca Tradicional em proa de embarcação



Fonte: www1.folha.uol.com.br Exposicao-em-sp-resgata-tradicao-das-carrancas

4.6.1 As Carrancas de Madeira

As Carrancas são esculpidas em madeira (Figura 4) e eram colocadas quase que obrigatoriamente nas antigas embarcações do São Francisco. Traduzem-se em monstros que mesclam detalhes humanos com o de animais com abundante cabeleira em forma de juba, é um ser fantástico, poderoso, a sua presença dá sorte, e é uma das manifestações mais genuínas e enigmáticas manifestações da arte popular brasileira. Afugenta os espíritos maus e ainda avisa quando a embarcação está em perigo de afundar, ela geme três vezes. Cabe aos artesãos nordestinos da região do Médio São Francisco, o mérito pela criação de uma imaginária popular, de aspecto mítico e decorativo, baseada na cultura regional, porém com fortes influências da arte peninsular da Idade Média.

Na segunda metade do século XIX, os barqueiros adotaram a figura, hoje conhecida como carranca. Um dos primeiros cronistas a mencioná-la foi Durval Vieira de Aguiar em sua incursão pelo sertão baiano. Ele escreveu, segundo Neves (2003): "Na proa vê-se uma carranca ou grifo de gigantescas formas, de modelos sem dúvida transmitidos pelos exploradores dos tempos coloniais. As expressões figura, figura de proa e leão de barca, eram usadas pelos remeiros e outros ribeirinhos para se referirem às carrancas".

4.6.2 As Carrancas de Barro

Originalmente em madeira, começaram a ser feitas em barro (Figura 5), tendo Ana Leopoldina Santos, conhecida como Ana das Carrancas, a “Dama do Barro” sua precursora, que na sua infância tinha o barro como atrativo para suas brincadeiras. Inspirada ao ver as carrancas de madeira multicoloridas das barcaças que aportavam às margens do rio São Francisco, confeccionou sua primeira carranca de pequeno tamanho, tendo grande aceitação, passou a confeccionar carrancas de barro em grande quantidade. Apesar de desenvolvidas do outro lado do rio, em território pernambucano, se difundiu em todo o vale.

Diante da grande demanda tentou formar um grupo de mulheres ceramistas, mas não deu certo. Machado (op.cit.) afirma que segundo Ana das Carrancas o processo para a confecção das peças de barro é muito trabalhoso, indo desde a retirada do barro no leito do rio, a meio metro de profundidade, passando pelo cozimento, e a curtição do barro por três dias, o amassamento e por fim a modelagem. É um trabalho que exige muito amor e dedicação do artesão.

As obras de arte de Ana das Carrancas são peças de aspectos grosseiros, criadas no estilo próprio da artesã, com formas simples, primitivas e com um detalhe importante: possuem os olhos vazados, em homenagem ao marido, José Vicente, que era cego, e sempre participou ativamente de seus trabalhos, fazendo os bolos de barro para a confecção das peças.

Figura 5 – Carrancas de Barro



Fonte: artepopularbrasil.blogspot.com/2010

Simbolicamente o material usado, madeira ou barro, dá a dimensão da própria modificação da função de uso da carranca. A de madeira tem com o barco, também de madeira, uma identificação harmoniosa do material. Essa identificação, como que garante à cabeça de carranca, colocada na ponta da proa, a condição de vigia, de cabeça do barco personificado ou metamorfoseado num vivente, cuja cabeça é a carranca e o corpo o próprio barco (Nantes, 1979).

Nas galeras vikings era essa a conotação que a estrutura do barco buscava, contendo algumas não só a cabeça de carranca (em geral a cabeça de um dragão), como no outro extremo, a popa, se colocava uma estrutura semelhante à calda do animal. Ao se fazer a carranca de barro, quebra-se essa harmonia de material, uma vez que o barro vindo do leito do próprio rio agora mantém não com o barco, mas com o próprio rio sua identificação. Nesse sentido, a carranca de barro como que se distancia da função de protetora do barco para ser a representação do espírito do rio que pode proteger ou não a embarcação em função da intenção do navegador ser aceita pelo rio ou não. Assim, navegadores virtuosos, tementes a Deus, que navegam atendendo as necessidades das populações ribeirinhas, seriam protegidos, de outra forma, navegantes gananciosos, astutos pela descoberta de riquezas teriam contra si o espírito do rio. Porém, é fato, que a produção de carrancas de barro, notadamente as de Ana das Carrancas têm uma função mais de peça decorativa artística de colecionadores e admiradores da arte popular do que propriamente a função de carrancas de embarcações.

Com o declínio do ciclo das barcas no Brasil, em 1940, essas esculturas hoje se transformaram, assim, em disputados objetos de decoração, fato que tem, aliás, o mérito de não deixar morrer a lembrança dessas curiosas esculturas, cujos exemplares históricos de notável valor encontram-se hoje bem longe das águas do rio, quase totalmente em mãos de colecionadores ou fazendo parte do acervo de museus brasileiros e do exterior.

As carrancas do São Francisco constituem como bem observa Pardal (2006):

uma manifestação artística coletiva, com caracteres comuns respeitados as individualidades de cada artista, como não se encontra em nenhum outro local ou época. Fruto da criação de uma cultura e de uma região isoladas do resto do País e do mundo, cujos artistas populares, a partir da ideia de esculpir uma figura de proa,

criaram soluções plásticas próprias, de elevado conteúdo artístico e emocional, que provocam um verdadeiro impacto.

Conforme Machado (op. cit.) um dos principais e mais famosos artesãos do ciclo das barcas foi o escultor Francisco Biquiba Dy Lafuente Guarany, que durante toda sua trajetória, semeou e difundiu seus dotes artísticos com o povo de sua região. Hoje é grande o número de artesãos espalhados pelos sertões do Nordeste do Brasil.

Em sua destinação primitiva de figuras de proa, as carrancas restringem-se a um curtíssimo período histórico – menos de um século –, constituindo, portanto, também sob esse aspecto, uma manifestação artística excepcional. O que resta agora são extrapolações ou variações em torno o mesmo tema - que não lhes diminui necessariamente - o valor, pois não faltará para essa nova idade das carrancas em que se tornou dispensável o batismo das águas do rio, soluções originais que evitem o esvaziamento de seu conteúdo artístico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme apresentado, são muitas e diversificadas as manifestações culturais em Juazeiro.

Apesar das ações que vêm sendo empreendidas pelo Estado da Bahia no sentido do desenvolvimento do turismo, induzindo investimentos privados e contribuindo para um aumento significativo na geração de empregos e renda, ainda restam muitas ações a serem desenvolvidas, relativamente ao setor, tais como: estimular mais o turismo qualitativo; divulgar melhor os eventos realizados; conjugar o calendário cultural com o turismo; e, empreender maiores esforços para a formação de clusters turísticos, agrupando os diversos setores relacionados à cadeia de serviços do turismo.

O governo da Bahia também investiu muito na interiorização do turismo, criando empreendimentos hoteleiros em diversos municípios, porém todos estatais. Só a partir da década de 1990 é que começou a surgir empreendimentos da iniciativa privada, porém todos em locais consagrados pelas potencialidades existentes e já conhecidos.

A região de Juazeiro, apesar do potencial existente, é pouco divulgada, sobretudo os atrativos culturais que aliados aos naturais, poderiam sustentar um polo turístico da região sanfranciscana baiana.

As próprias vinícolas da região podem incrementar um turismo enológico que se desenvolve ainda timidamente na região.

Consideramos assim que o aproveitamento do turismo pode e deve ser encarado como uma alternativa econômica à agroindústria que predomina na região, uma vez que é sempre um risco se manter a economia atrelada a uma só fonte de divisa.

REFERÊNCIAS

CRUZ, G. Samba de Veio no Rodeadouro. In:

www.sambadeveionorodeadoro.com.br. Acesso em: 14.07.2010.

MACHADO, Regina Coeli Vieira. *Carrancas do São Francisco*. Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>.

Acesso em 10.11.2015.

NANTES, P.M. Relação de uma missão no Rio São Francisco. São Paulo/Brasília: Cia Editora Nacional, 1979.

NEVES, Z. Os Remeiros do São Francisco na Literatura. In: Revista de Antropologia da USP. São Paulo, vol. 46, n.1, 2003

NOVELINO, G. Via-crúsis no São Francisco. Jornal do Comércio, Recife, p.4, 30 de agosto de 2006.

PARDAL, P. Carrancas do São Francisco. Rio de Janeiro: Ed. Martins Fontes, 2006.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JUAZEIRO.

www.prefeituramunicipaldejuazeiro.gov.br. Acesso 09.11.2015.

QUEIROZ, L.A.de. Turismo na Bahia. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, 2002.

SILVA, S.B. de M. e. Geografia, turismo e crescimento: o exemplo do Estado da Bahia. In: RODRIGUES, A.B. (Org.). Turismo e Geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 2001.p. 122-143.

SOUZA, A.C.G.; RABELO, E. de A. "Metrópoles" sanfranciscanas: fotografias das cidades de Juazeiro e Petrolina nos anos 1970. In: VI Simpósio Nacional de História Cultural Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar Universidade Federal do Piauí – UFPI Teresina-PI, 2012.

Sites:

<http://artepopularbrasil.blogspot.com.br/2010/12/ana-das-carrancas.html> . Acesso 08.11.2015

<http://www1.folha.uol.com.br/.../1675850-exposicao-em-sp-resgata-tradicao-das-carrancas>. Acesso 08.11.2015.